

Bancos exigem órgão para policiar Brasil

O presidente do First National Bank of Boston (credor do Brasil de US\$ 260 milhões), Ira Stepanian, disse ontem que os bancos credores "estão abertos a soluções alternativas ao Fundo Monetário Internacional (FMI), como organismo intermediador da renegociação da dívida brasileira". Stepanian fez questão de ressaltar que os bancos credores só não aceitam a inexistência de um órgão para discutir e acompanhar de parte as metas de política econômica do Brasil e observou também que o reescalonamento plurianual da dívida impõe certos "condicionantes" ao país devedor.

Para os contatos com o presidente Sarney, os ministros da Fazenda, Dilson Funaro, do Planejamento, João Sayad, e da Agricultura, Iris Rezende, e mais o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, Stepanian trouxe outros 6 diri-

gentes do Bank Of Boston. Da diretoria executiva do banco — décimo quarto no "ranking" dos Estados Unidos, segundo a própria instituição — vieram dois vice-presidentes, Garwood Platt e Frank Aldrich. Outros quatro membros do conselho de administração do Bank of Boston aproveitam a viagem para conhecer a economia brasileira: Samuel Huntington, presidente do New England Electric Company; Nelson Gifford, presidente do Danininson Manufacturing Company; Alice Emerson, presidente do Wheaton College, e Brainerd Holmes, da Raytheon Company.

Como de praxe, o banqueiro norte-americano procurou, inicialmente, elogiar o país devedor. "O Bank of Boston tem operações muito importantes no Brasil, onde está presente há quarenta anos. O Brasil conta com economia viá-

vel, de futuro promissor, o que justifica os investimentos de longo prazo do Bank of Boston", afirmou Stepanian.

Depois, o presidente do Bank of Boston procurou defender o monitoramento externo para a economia brasileira, embora recusasse dizer claramente se estava contra a pretensão do Brasil de manter o FMI afastado da renegociação da dívida. "É uma questão complexa. Se para o devedor a colocação é apropriada, para o devedor, fica difícil responder se é possível o reescalonamento plurianual sem o monitoramento do FMI. Os bancos aceitam discutir alternativas para o FMI. Inaceitável é a falta do órgão intermediário para a discussão das condicionantes ligadas a questões de natureza político-econômica, a nível de governo", disse o banqueiro norte-americano.